# Livro didático para o ensino de Surdos: Uma análise sobre as questões editoriais


Sandy Mary Azevedo Bonatti[1]
Vinícius Martins Flores[2]



**Resumo:**
O presente trabalho apresenta os resultados de uma análise documental realizada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, realizado em 2016. O objetivo do estudo é discutir a apresentação de livros didáticos do Ensino Fundamental – Séries Iniciais da disciplina de Língua Portuguesa para alunos surdos, e propor considerações sobre as especificidades para uma elaboração e escolha de um livro didático que atenda os mesmos. Sabe-se que os livros didáticos no Brasil atualmente são escolhidos pelos professores e sua aquisição e distribuição são feitas por meio do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Sentimos a necessidade de averiguar como são estes livros direcionados para o ensino de surdos no espaço inclusivo, tendo como enfoque, neste trabalho, as suas questões editoriais. Dessa forma, analisamos dois livros de ensino de Língua Portuguesa, um do 4º ano e outro do 5º ano que foram distribuídos nacionalmente, pertencentes a coleção Portas Abertas. Ao final das análises percebeu-se que os livros didáticos para o ensino de surdos exibem características editoriais específicas, porém necessitam de um olhar diferenciado que considere a Libras como a primeira língua de instrução do aluno surdo desde sua elaboração.



**Palavras-chave:** Educação de surdos. Libras. Livro didático. PNLD.



**Abstract:**
The present study presents the results of a documental analysis performed as a partial requirement to obtain a degree in Pedagogy from the Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, accomplished in 2016. The objective of the study is to discuss the presentation of textbooks of Elementary School - Initial Years of the discipline of Portuguese Language to Deaf students, and proposes considerations on the specificities for an elaboration and choice of a textbook that meets the needs of deaf students. Textbooks in Brazil are currently chosen by school teachers and their acquisition and distribution are made through the *Plano Nacional do Livro Didático* (PNLD). We understood that there is a need to comprehend how these books are adapted to the teaching of the Deaf in the mainstream space by focusing this study their editorial issues. In this way, two Portuguese language teaching books for the 4th and 5th year were analyzed, which were distributed nationally, belonging to the *Portas Abertas* collection. At the end of the analysis we concluded that textbooks for teaching Deaf people have specific


[1] Graduada em Pedagogia – Licenciatura, cursando Especialização em Atendimento Educacional Especializado, Uergs, Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.
[2] Doutorando em Letras – Psicolinguística (UFRGS); Mestre em Letras – Linguística Aplicada (UFRGS); Especialista em Aquisição da Linguagem e Alfabetização (FEEVALE); graduado em Letras Libras – Bacharelado (UFSC) e em Pedagogia – Licenciatura (ULBRA); participa do Grupo de Pesquisa Educação e Processos Inclusivos (GPEPI) da UERGS – Litoral Norte e do Grupo de Pesquisa – Laboratório de Bilinguismo e Cognição (LABICO) da Letras/UFRGS; atua como docente de Escrita de Sinais (sistema signwriting), das disciplinas práticas de tradução/interpretação da Libras e orientação de estágio de interpretação educacional do curso de Letras Libras Bacharelado da UFRGS.

editorial characteristics, although they need a differentiated look that considers the Libras as the first language of instruction of the deaf student since the very moment they are created.

**Keywords:** Deaf education. Libras. Textbook. PNLD

## Introdução

O presente estudo apresenta os resultados de uma análise documental, pesquisa desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa Educação e Processos Inclusivos (GPEPI) da UERGS – Litoral Norte e apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, no segundo semestre do ano de 2016. Tal análise teve como objetivo discutir a apresentação de livros didáticos para o ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos, sendo analisados dois livros de Língua Portuguesa, um do 4º ano e outro do 5º ano, pertencentes a coleção Portas Abertas que foi distribuída nacionalmente.

A questão que estabeleceu o estudo foi: Quais seriam as possíveis especificidades e as considerações para critérios de elaboração/escolha de um livro didático para o ensino de surdos no Ensino Fundamental – Séries Iniciais? Portanto, a origem da problematização iniciou na escolha do método de pesquisa, quais livros analisar e conhecer os critérios para escolha destes livros estabelecidos pelo MEC por meio do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Além disso, os estudos foram direcionados para as questões de acessibilidade estabelecidas pela NBR 15290 de 2005 e NBR 15599 de 2008, juntamente com a cartilha - A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais - publicada em 2009 pela Secretaria Nacional de Justiça.

Nesse contexto, definiu-se o objetivo geral de proporcionar uma reflexão acerca das especificidades que o livro didático confeccionado para o ensino de surdos carece para atender as séries iniciais do ensino fundamental. Dessa forma, os objetivos específicos foram formulados, conforme segue: (I) discutir

a apresentação de livros didáticos do Ensino Fundamental – Séries Iniciais da disciplina de Língua Portuguesa, e (II) propor considerações sobre as especificidades para uma elaboração e escolha de um livro didático que atenda alunos surdos.

**Referencial teórico**

O artigo não discute sobre o Atendimento Educacional Especializado (doravante, AEE) ou a Educação Inclusiva na perspectiva da Educação Especial, mas destacamos que o livro didático pode ser um instrumento/apoio didático fundamental para o espaço inclusivo. Para servir como fio condutor da nossa discussão, propomos uma reflexão acerca das questões sociais e educacionais que envolvem o sujeito surdo. Por exemplo, o que significa ser surdo; o que é Libras; como são as questões familiares e como se constitui a identidade desse sujeito culturalmente; como ele adquire a língua na modalidade escrita; e por fim, precisamos compreender o que é ser bilíngue bimodal. Após compreender estas questões, faz-se necessário compreender como funciona a variação linguística na Libras, como se dá a tradução e quem é o tradutor/intérprete (SEGALA, 2010), e ainda como é a história do material didático no Brasil. O intuito não é ser normativo, mas buscar um direcionamento para aprimorar os materiais didáticos para o ensino de surdos.

Em relação ao conceito de surdo, apontamos a definição trazida pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, o qual considera como pessoa surda aquela que "por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras." (BRASIL, 2005). Assim, percebe-se que surdo é um sujeito culturalmente visual, que possui, portanto, uma cultura e língua diferenciada. Neste caso a Libras, esta que é uma língua, e não uma linguagem, pois possui uma estrutura gramatical própria que funciona de forma independente do português e de outros idiomas. Além disso

deve-se considerar que a Libras também é de uma modalidade diferente da Língua Portuguesa, sendo uma língua visuoespacial (QUADROS & KARNOPP, 2004). A Língua de Sinais passou a ser reconhecida como meio de comunicação legal a partir da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, a mesma apresenta uma breve definição de Libras sendo: “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundo de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

A surdez não pode ser entendida como apenas uma deficiência e ter como base o quanto de resto auditivo que o sujeito surdo possui. Mas sim precisamos ver a surdez fazendo parte do sujeito, nesse sentido necessita-se conhecer a identidade do surdo. Iniciando esse processo de reconhecimento, carece que vejamos o contexto familiar, já que os pais geralmente são ouvintes que desconhecem a Libras ou preferem não utilizá-la. Sendo assim, o estudante surdo aprenderá Libras somente na escola, ou terá acesso restrito a Língua de Sinais. O motivo seria a visão que a sociedade impõe que o surdo é um deficiente, não aceitando suas singularidades culturais e linguísticas. Strobel (2008) diz em sua tese, a qual traz diversos trechos bem marcantes de seu memorial, que não tinha cumplicidade com pessoas semelhantes a ela e, devido a isso, não tinha com quem se identificar, o que transmite a ideia de que o sujeito surdo se sente muitas vezes excluído da sociedade ouvinte, não participando dos diálogos em família durante as refeições ou nos períodos em que se reúnem para assistir televisão.

Num comparativo, a aquisição da linguagem das crianças surdas filhas de pais surdos ocorre de forma semelhante às crianças ouvintes de pais ouvintes, conforme Quadros (2009). Isto se dá devido ao que chamam de *input visual*, onde as crianças surdas por meio da visualização começam a

realizar ‘balbucios manuais’ na tentativa de repetir os sinais visualizados, que se assemelha ao *input auditivo* das crianças ouvintes, que ainda bem pequenas começam a pronunciar repetidamente algumas sílabas por meio da vocalização. Um fator importante da aquisição da linguagem é em relação ao período em que a criança começou a aprender Libras, pois quando o processo inicia-se em sua primeira infância, a criança está mais ‘aberta’ a aquisição de sua primeira língua, devido a fatores biológicos e cognitivos. Quadros (2009) observou que as crianças que obtiveram acesso à linguagem tardiamente possuíam dificuldades em sua aquisição, principalmente no caráter da sintaxe e na formação de frases mais sofisticadas quando comparadas a crianças que tiveram acesso precocemente.

O bilinguismo para Lodi (2013), no contexto da educação bilíngue de surdos, necessita ponderar que os surdos inicialmente desenvolvem-se na Libras como primeira língua (L1), por meio das relações sociais, sendo elas preferencialmente com surdos adultos que sejam usuários da Libras. Somente após o desenvolvimento da L1 pode ser iniciado o ensino do português em sua forma escrita como segunda língua (L2), considerando “as particularidades e a materialidade da língua de sinais, além dos aspectos culturais a ela associados” (LODI, 2013, p.166). Ou seja, as metodologias de ensino deverão ser pensadas a partir da língua materna do aluno, a Libras. Vale lembrar que a educação bilíngue é um direito do aluno surdo, onde este vai desenvolver sua L2, no caso o Português Brasileiro, em sua forma escrita, aprendendo, portanto, a ler e escrever, não abrindo mão da sua L1, que no caso é a Libras.

> A desinformação sobre as especificidades em torno do bilinguismo bimodal e das peculiaridades da cultura surda gera a precariedade na formação do professor bilíngue no quesito conhecimento e fluência na Libras. Surge uma distorção dos conceitos, que se reflete nos relatos de práticas. Essa distorção gera inúmeros casos de percepção errônea da Libras no espaço escolar, proporcionando um pensar que, em função de as línguas serem diferentes, resultará em problemas escolares. (FLORES, 2015, p.34-35)

Vejamos que o bilinguismo já não é uma prática comum em nosso país, e ainda quando envolve uma prática bilíngue com línguas de modalidades distintas. Sendo uma língua na modalidade oral-auditiva e a outra na modalidade visuo-espacial, que gera o bilinguismo bimodal, a desinformação é ainda maior.

Outra questão a ser observada é referente a variação linguística, pois na Libras existem sinais que são diferentes de um lugar para o outro, assim como qualquer outro idioma as palavras também mudam de um lugar para o outro. Observando a realidade brasileira, os sinais mudam de um estado para o outro e as vezes até dentro de um mesmo estado/região. Mas, e no livro didático, existe uma preocupação com variação linguística? Para Bagno (2007) o livro didático ainda precisa evoluir para trabalhar questões de apresentação da variação linguística como algo natural, e não apenas como uma separação de formas de falar urbano e o falar rural. Portanto, o livro didático poderia, ainda, contribuir para aprofundar os estudos linguísticos, colaborando para ampliar conhecimento da variedade dentro da mesma língua, quebrando a ideia de que somente uma forma de falar seja o correto, ou no caso da Libras, que não existe apenas uma forma de sinalizar.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e tem como objetivos básicos a aquisição e distribuição de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do ensino fundamental brasileiro, de forma gratuita (MEC, 2016). Afim de aplicação do PNLD, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que é vinculado ao MEC, é o órgão gerenciador e responsável pelas captações de recursos para financiar programas voltados às escolas de ensino fundamental. O PNLD teve início em 1929, sob o nome de Instituto Nacional do Livro (INL) e, de acordo com o FNDE, é “o mais antigo dos programas voltados à distribuição

de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira". (MEC, 2016).

Mesmo a trajetória do PNLD ter seu início em 1929, dicionários e materiais didáticos destinados ao ensino de surdos passaram a ser distribuídos somente a partir de 2006, já que toda a legislação de Libras inicia em 2002. Portanto, em 2006 ocorre a distribuição do dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue - Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa/Língua Inglesa para os alunos surdos de 1ª a 4ª série/ 1º ao 5º ano que utilizam a Libras, e em 2007 houve novamente essa distribuição dos dicionários trilíngues de português, inglês e Libras para alunos surdos, desta vez para as escolas de ensino fundamental e médio, e para os alunos surdos de 1ª a 4ª série foram distribuídas uma cartilha e livro de Língua Portuguesa em Libras e em CD-Rom.

**Metodologia**

A metodologia utilizada foi a análise documental, por tratar-se da análise de materiais didáticos e relacionar com os padrões de qualidades estabelecidos por meio do PNLD juntamente com as NBRs publicadas pela ABNT. Os livros didáticos analisados foram os livros para ensino de Língua Portuguesa para o 4º ano e o 5º ano, pertencentes a coleção Portas Abertas que são distribuídos nacionalmente. Para os alunos surdos, este livro didático acompanha um DVD interativo, onde apresenta o livro da mesma maneira que o impresso, porém, com os vídeos onde o texto é traduzido para Libras.

GIL (1987, p.46) apresenta diversas vantagens na escolha da pesquisa documental, sobre a questão de tratar de uma fonte rica de dados, a questão do baixo custo deste tipo de pesquisa e sobre a não exigência de contato com os sujeitos da pesquisa:

> Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica.
> Outra vantagem da pesquisa documental está em seu custo. Como a análise dos documentos, em muitos casos, além da capacidade do pesquisador, exige apenas disponibilidade de tempo, o custo da pesquisa torna-se significativamente baixo, quando comparado com o de outras pesquisas.
> Outra vantagem da pesquisa documental é não exigir contato com os sujeitos da pesquisa. É sabido que em muitos casos o contato com os sujeitos é difícil ou até mesmo impossível. Em outros, a informação proporcionada pelos sujeitos é prejudicada pelas circunstâncias que envolvem o contato. (GIL, 1987, p.46)

Essas vantagens podem ser observadas vendo que os livros didáticos, por serem distribuídos nacionalmente para o ensino de surdos podem ser considerados fonte rica de dados, sobre a questão do custo, grande parte dos materiais podem ser encontrados na internet, demandando apenas de tempo para serem analisados. Ainda acerca das vantagens, quando se fala na questão de não exigir contato com os sujeitos de pesquisa, sabe-se por meio de Flores (2015) que na região existem apenas três escolas com classes especiais para surdos, e o número de salas inclusivas não são informados pelas delegacias de ensino da região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Dessa forma, a escolha desse método justifica-se tanto pela falta de lugares para coleta, quanto por ser um recurso didático recorrente nas escolas.

**Resultados**

Para encontrar resultados, o material estudado foi discutido e analisado sob a luz da teoria dos estudos surdos (LADD, 2003; THOMA, 2006; PERLIN, 2008; SKLIAR, 2009), considerando os aspectos linguísticos, contemplando as duas línguas, o Português Brasileiro e a Libras. Mas com um enfoque direcionado aos aspectos editoriais (BONATTI,2016), os quais serão apresentados neste artigo. Os mesmos apresentam questões sobre a apresentação da parte escrita e sinalizada, bem como as imagens e vídeos contidos no DVD que acompanha o livro didático.

O objetivo não é desqualificar ou julgar o material analisado, mas buscar uma reflexão de como qualificar ainda mais os aparatos didáticos existentes. Portanto, num primeiro momento podemos pensar na questão do acesso ao material. Não no acesso de recebe-lo, mas do acesso no sentido de uso. Para que o aluno possa utilizar o DVD do livro didático, o mesmo precisará de um computador, recurso esse que nem sempre é disponível nas escolas públicas brasileiras onde este material é distribuído. Sendo que o aluno terá que ter um computador também na sua residência para dar continuidade nos estudos fora do espaço escolar.

No quesito de design, o livro apresenta-se de forma bastante atraente, principalmente na interface proporcionada pelo DVD, que sugere que todos os textos são traduzidos do Português para Libras, já que disponibiliza uma grande quantidade de caixas de vídeo com a tradução sinalizada. Observa-se também uma grande quantidade de imagens, em geral coloridas, que ilustram os textos e atividades do livro, este que é interdisciplinar, trazendo elemento da matemática, ciências naturais e ciências sociais. Um livro de excelência em seu conteúdo e organização.

Porém, quando o livro é avaliado com um olhar direcionado e pensando no estudante surdo usuário de Libras, pode-se perceber diversas questões que demonstram que os livros embora sejam traduzidos para surdos, não atendam com excelência as demandas destes alunos. Iniciamos com a capa do livro em formato digital, a mesma não possui uma versão ou tradução em Libras para apresentar o livro e seu funcionamento. Isso já impede que o aluno tenha autonomia em conhecer o livro e sua macroestrutura.

A proposta aparente do livro é conter os conteúdos traduzidos para a Língua de Sinais, mas o livro é -quase- totalmente traduzido para Libras por meio de

vídeos. Em vários momentos o material apresenta questões, trechos, informações de bibliografia, e outros pontos sem tradução. Talvez por uma decisão de equipe de tradução ou editoração, esta decisão não é apresentada em nenhum momento em nota ou aviso no material. Outro ponto é a elaboração textual do livro, que contempla a oralidade em diversos momentos, tanto em textos ou em atividades práticas. Sabe-se que o livro foi adaptado para surdos e não produzido para os mesmos, e a tradução em diversos momentos realizou uma versão sem fazer uma adaptação para o estudante.

A decisão da forma em que a tradução foi disponibilizada é curiosa, visto que o texto na língua portuguesa é um texto contínuo. Já a tradução gerou divisão do mesmo texto, gerando algumas vezes diversas caixas de vídeos. Em alguns momentos existe uma caixa de tradução para uma frase, em outros para o parágrafo, sem ter um padrão. Havendo inclusive algumas sentenças sem traduções, conforme pode ser observado na imagem abaixo:

SÓ PARA LEMBRAR

1 Leia o poema *A lua*, de Roseana Murray.

**A lua**

A lua **pinta** a rua de prata
e na mata a lua **parece**
um biscoito de nata.

Quem **será** que esqueceu
a lua **acesa** no céu?

Roseana Murray. *No mundo da lua*. Belo Horizonte: Miguilim, 1985.

* Responda oralmente.
  - a. Na sua opinião, o que quer dizer o verso: "A lua pinta a rua de prata"?
  - b. Por que a lua é comparada a um biscoito de nata?
  - c. E por que é comparada a uma lanterna acesa no céu?

2 Escreva no caderno a que classe gramatical pertencem as palavras destacadas no poema.

3 Copie os verbos destacados na forma como aparecem no dicionário.

Você já sabe que no dicionário os verbos aparecem escritos no **infinitivo** e não no tempo **presente, passado** ou **futuro.**

4 Escreva os verbos abaixo no infinitivo.

a. esquecemos  c. reúne  e. pensei
b. ouviu  d. lavassem  f. venderia

* Responda.
  Com que letra terminam todos os verbos no infinitivo?

232

MENU | Unidade: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13

5 Leia o poema abaixo.

**Grande, pequeno**

Todo mundo que é grande,
foi pequeno um dia,
e fez um monte de coisa
que jura que não fazia.
[...]

A modelo que hoje vive em Paris
passava o dia com o dedo no nariz.

A professora de geografia
ia ao shopping e se perdia.

A moça rica, empresária de mão-cheia
brincava com uma boneca de meia.
[...]

Blandina Franco. *Grande, pequeno*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

* Responda oralmente.
  Que palavras rimam nesse poema?

6 Escreva a que classe gramatical pertencem estas palavras e como elas aparecem no dicionário.

a. professora  b. perdia  c. rica  d. boneca

7 A palavra **modelo** tem vários significados.

* Responda.
  Qual é o significado dessa palavra no poema?

a. Escreva no caderno o significado de **modelo** nas frases a seguir.
  * A noiva mostrou à loja o **modelo** de vestido que queria.
  * Minha avó é um **modelo** de jovialidade.

233

MENU | Unidade: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13

**Fonte:** CARPANEDA, 2011, p.232-233.

A imagem acima exemplifica de forma clara como o livro funciona: cada uma das "tvzinhas" é uma caixa de vídeo com tradução referente ao que está escrito antes dela. Pode-se perceber que existem muitas dessas caixas de vídeo, fragmentando a informação como, por exemplo, nos dois poemas. O aluno ouvinte lê e entende os poemas como um todo, porém o aluno surdo vai assistir aos vídeos de tradução de forma completamente fragmentada, sendo separado por muitos vídeos curtos, não proporcionando um texto continuo. Além de ser perceptível que a referência de onde vem o poema não é traduzida com uma caixa de vídeo, e não haver também uma tradução para os itens do exercício de número 4 e as frases do item A do exercício de número 7. Em compensação, no exercício de número 6 existe uma caixa de vídeo para cada um dos itens, sendo que cada um se constitui de apenas uma

palavra, não seguindo um critério claro nas escolhas da disposição das traduções, ora a resposta é traduzida, ora não é.

A proposta lúdica de que as caixas de traduções sejam exibidas em forma de um ícone de uma "tvzinha" é excelente. Sendo que a mesma ao ser clicada inicia o vídeo e começa a ser reproduzido em Libras as informações que estão escritas em língua portuguesa. As funcionalidades também são interessantes, já que a caixa de vídeo pode ser arrastada para qualquer lado da tela, o que facilita para poder assistir o vídeo e ler o material ao mesmo tempo. O detalhe que não contempla as normas técnicas de produção da janela de interpretação da Libras é que a "Tvzinha" não pode ser ampliada. Isso prejudica para perceber detalhes do sinal que está sendo produzido. Considerando a NBR 15290 de 2005 que apresenta algumas diretrizes sobre o tamanho da caixa de vídeo, na qual "a altura da janela deve ser no mínimo metade da altura da tela do televisor; a largura da janela deve ocupar no mínimo a quarta parte da largura da tela do televisor" (ABNT, 2005, p.09). Poderia então a "Tvzinha" ser maior ou ter a possibilidade de ser ampliada para atender a NBR 15290. Além de que o surdo quando clica no vídeo a reprodução ocorre e ao ser apresentado por completo se fecha automaticamente sem dar opção de assistir novamente. Caso o estudante necessite, deve voltar ao ícone e reabrir.

Pode-se perceber também que a apresentação, no sentido da resolução da imagem (pixel), não é com nitidez de alta resolução, algumas vezes é perceptível que a imagem é tremida. Porém as questões de iluminação, vestimenta do intérprete e contrastes, estão de acordo com as normas estabelecidas pela NBR 15290 de 2005, a qual diz que:

> Na janela com intérprete da LIBRAS:
> a) os contrastes devem ser nítidos, quer em cores, quer em preto e branco;
> b) deve haver contraste entre o pano de fundo e os elementos do intérprete;

> c) o foco deve abranger toda a movimentação e gesticulação do intérprete;
> d) a iluminação adequada deve evitar o aparecimento de sombras nos olhos e/ou seu ofuscamento. (ABNT, 2005, p.13)

Pode-se perceber que os contrastes entre a roupa do intérprete e o plano de fundo é adequada e torna bastante visível os sinais. A iluminação é adequada não exibindo sombras que poderiam prejudicar no entendimento dos sinais, e o foco do vídeo permite a visualização por completo dos sinais, porém não possibilita uma melhor visualização da expressão corporal do intérprete, por ser um enquadramento fechado, diminuindo o campo anafórico de produção da Libras.

**Considerações finais**

Por fim, este estudo de materiais didáticos para o ensino de surdos foi desenvolvido ao longo de oito meses, o qual nos permitiu um maior entendimento da área de educação de surdos e de suas especificidades do sujeito surdo enquanto alunado usuários de materiais bilíngues. Tanto as questões linguísticas e/ou culturais devem ser consideradas na escolha do material, ampliando assim a avaliação do livro não meramente pelo conteúdo e apresentação visual.

Partindo da premissa que a pesquisa era norteada por objetivos, as discussões atenderam o objetivo geral de proporcionar uma reflexão acerca das especificidades que o livro didático confeccionado para o ensino de surdos carece para atender as séries iniciais do ensino fundamental. Com base nos dados, foi possível refletir acerca das especificidades que ainda carecem nos livros didáticos, dados esses que sugerem um direcionamento da confecção de livros específicos para o ensino de surdos, considerando os nortes já existentes do MEC a respeito de orientações sobre o livro didático. Além de que os documentos proporcionam boas reflexões sobre a elaboração

técnica editorial de um livro para surdos a partir das normas técnicas da ABNT de acessibilidade comunicacional.

**Referências**

ABNT. NBR 15290. **Acessibilidade em comunicação na televisão**. Brasil: ABNT, 2005.

ABNT. NBR 15599. **Acessibilidade - Comunicação na prestação de serviços.** Brasil: ABNT, 2008.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BONATTI, Sandy Mary Azevedo. **Livro didático:** considerações para a escolha de um livro didático para o ensino de surdos. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, 2016.

______. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em: 14 JAN 2016.

______. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o Art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 14 JAN 2016.

CARPANEDA, Isabella Pessoa de Melo. **Porta Aberta:** Língua Portuguesa, 4º Ano. São Paulo: FTD, 2011.

CARPANEDA, Isabella Pessoa de Melo. **Porta Aberta:** Língua Portuguesa, 5º Ano. São Paulo: FTD, 2011.

FLORES, Vinicius Martins. Dissertação: **Um estudo sobre o perfil do professor ouvinte bilíngue que atua na educação de surdos**. Programa de pós-graduação em letras. Área de concentração: estudos da linguagem. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

FNDE. **Histórico.** Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico> Acesso em: 22 Mai, 2016

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1987.

______. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1985.

LADD, Paddy. **Understanding Deaf Culture**: In Search of Deafhood Clevedon, Multilingual Matters, 2003.

LODI, Ana Cláudia Balieiro. **Ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos**. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. SANTOS, Lara Ferreira dos. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

PERLIN, Gladis. STROBEL, Karin Lilian. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/4559884/Fundamentos-da-Educacao-dos-Surdos> Acesso em: 29 MAI 2016.

QUADROS, Ronice Müller de. **Aquisição das línguas de sinais**. In: QUADROS, Ronice Müller de. STUMPF, Marianne Rossi. Estudos Surdos IV. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Estudos Lingüísticos:** a língua de sinais brasileira. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual:** Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis: UFSC, 2010.

SKLIAR, Carlos. **A Localização política da educação bilíngue para surdos**. In: SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngue para surdos:** interfaces entre pedagogia e linguística. Porto Alegre: Mediação, 2009.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

THOMA, Adriana da Silva; **Educação de surdos: dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. (Org.). **A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.